

Madeira: o engano dos números

J. P. Martinez
de São Paulo

Os excepcionais resultados financeiros obtidos ultimamente pela Duratex e Eucatex, as duas maiores empresas do que se convencionou chamar genericamente de indústria de madeiras, costumam dar a impressão de que esta atividade atravessa uma fase muito boa no Brasil. Esta idéia, porém, é no mínimo enganosa, garante Vasco Flandoli, que representou a Associação Brasileira dos Produtores de Madeira (ABPM) no I Colóquio Multissetorial Gazeta Mercantil/FGV/Iniciativa Privada. "As duas", segundo ele, "atuam sozinhas na área de madeiras de fibras beneficiadas por fatores muito favoráveis. O produto, em primeiro lugar, tem um mercado interno muito diversificado. Depois é altamente competitivo no mercado internacional, sobretudo por causa do baixo custo da principal matéria-prima para fabricar o produto, que é o eucalipto. Este, depois de plantado, leva cinco anos para estar em condições de uso no Brasil, enquanto em outros países seu ciclo é da ordem de cinquenta anos."

Nos demais segmentos do setor, que reúne a esmagadora maioria das empresas, no entanto, o panorama geral é muito difícil. A indústria de madeira aglomerada, por exemplo, que gira em torno de dez empresas, vem enfrentando sérios problemas de demanda (só quem possui equipamentos especializados pode utilizá-la), enquanto os custos das matérias-primas, muitas delas importadas, sobem de forma descontrolada. No caso dos fabricantes de madeiras compensadas, outro segmento importante da indústria de madeiras, o problema é a retração de demanda nos principais consumidores: construção civil

e indústria moveleira. Este também é o pesadelo dos fabricantes de madeira serrada que viveram um período negro no ano passado, frustrando expectativas anteriores que levaram as empresas a realizar pesados investimentos no aumento da capacidade instalada.

Flandoli diz-se convencido, porém, de que estas atividades chegaram ao fundo do poço, sendo plausível uma recuperação a curto prazo.

MATERIAL DE ESCRITÓRIO

Situação semelhante à indústria de madeira parece atravessar o setor de material e serviços de escritório. Ernst Muhr, representante da Associação Brasileira da Indústria de Computadores e Periféricos (Abicomp), procurou traçar um quadro do panorama da computação eletrônica, hoje o segmento mais importante deste setor. "Ninguém, a não ser o governo", disse ele, "conhece os números das empresas estrangeiras que ainda respondem por pelo menos dois terços do mercado brasileiro de computadores, estimado em Cr\$ 80 bilhões no ano passado. Se se basear apenas nas empresas nacionais, o quadro geral é muito ruim. Basta dizer que todos os fornecedores nacionais de expressão registraram pesados prejuízos operacionais no ano passado.

A situação, segundo explicações do representante da Abicomp, teve como uma das causas o sensível desaquecimento que tomou conta da economia brasileira em meados do ano passado. "O problema principal, no entanto, foram as vacilações da política do governo federal para o ramo da informática. O mercado interno, superdimensionado pelo governo no início, deveria abrigar apenas três empresas (a Cobra e duas outras).